paródia: a literatura como força persuasiva em Olavo Bilac

*Clara Miguel Asperti Nogueira**

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar alguns textos da coluna semanal “Crônica”, publicada pelo poeta e jornalista Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*, entre 1897 e 1908, em que recursos retóricos, como a paródia, ganham destaque. Por meio da análise da escrita bilaquiana, procurar-se-á trazer à luz mecanismos linguísticos e literários manuseados pelo jornalista para convencer seus leitores sobre os benefícios sociais e culturais oriundos das reformas urbanísticas e sanitárias capitaneadas pela municipalidade carioca no limiar do século XX.

Palavras-chave:

Crônica. Paródia. Olavo Bilac. Periódico. *Gazeta de Notícias*.

Abstract

This article aims to analyze texts of “Crônica” a weekly column, edited by the poet and journalist Olavo Bilac in *Gazeta de Notícias*, from 1897 to 1908, where rhetorical resources as the parody stand out. Through the bilaquiana writing analysis, we’ll try to bring out some linguistic and literary mechanisms used by the journalist in the attempt to convince his readers about the social and cultural benefits that came from sanitary and urbanistic reformations captained by carioca municipality at the 20th century beginning.

Keywords:

Chronicle. Parody. Olavo Bilac. Newspaper. *Gazeta de Notícias*.

Consagrado em 1888 por *Poesias*, com apenas 23 anos, Olavo Bilac, antes somente poeta, deixou-se enveredar pelo jornalismo, caminho este que o tornou muito mais do que um periodista. O poeta fez-se um cronista opinador, oposto ao perfil distante do poeta parnasiano, pelo qual comumente o reconhecem hoje.

Bilac, de imaginação inspirada, foi um mestre perfeito da escrita em seu tempo. Alcançou fama total através de sua profícua colaboração nos mais variados periódicos de São Paulo e Rio de Janeiro, sobretudo na *Gazeta de Notícias*. Na vasta colaboração de Bilac, desde o início de sua vida jornalística, é possível que tenha somado mais de 900 publicações, entre crônicas e

versos, nos periódicos mais reconhecidos do Brasil da *Belle Époque*; sendo que, somente na sua mais marcante atuação, na coluna “Crônica” (1897-1908) da *Gazeta de Notícias*, tenha alcançado a marca de mais de 500 publicações.

Este artigo é um dos desdobramentos de minha pesquisa de mestrado¹, na qual pretendi analisar a coluna bilaquiana “Crônica”, publicada na *Gazeta de Notícias* durante o período citado. O intuito foi interpretar a capacidade de Olavo Bilac, através do uso da literatura, de influenciar os leitores cariocas sobre a importância da reurbanização do Rio de Janeiro orquestrada pelo prefeito Pereira Passos entre 1903 e 1906. Ao eleger a análise das publicações jornalísticas de Olavo Bilac no periodismo carioca, pretendi privilegiar outro aspecto da obra do parnasiano que não seus textos poéticos. A opção pela apreciação de crônicas sustenta-se sobre a premissa de que a obra literária é produto de seu tempo. Partindo deste pressuposto, a crônica é instrumental literário perfeito, aliando forma e conteúdo, para a análise da ideologia bilaquiana e do momento literário, político e social em questão. A finalidade foi buscar, na escrita e no estilo do cronista, a força da literatura como ferramenta de persuasão. Porém, neste artigo, somente contemplo algumas das opiniões emitidas pelo mestre parnasiano, através da afamada coluna “Crônica”, trazendo à luz um dos mecanismos retóricos e linguísticos mais trabalhados por Bilac nesta tentativa de influenciar os leitores de sua coluna na concordância da urgência das reformas urbanas e sanitárias cariocas: a paródia.

Deste modo, é importante ressaltar que a produção jornalística de Olavo Bilac, incluindo a coleta de grande parte das colaborações do poeta-jornalista no periodismo nacional, tem sido tema para diversas outras pesquisas acadêmicas.

Antônio Dimas, professor livre-docente pela Universidade de São Paulo, em extensa tese elaborada para

defesa do título em 2000, atualmente já editada em três volumes, coletou e transcreveu boa parte da produção bilaquiana nos mais diversos jornais e revistas cariocas e paulistanas. A produção para a *Gazeta de Notícias* ganhou destaque importante em sua pesquisa, pois dois dos cinco volumes de seu trabalho original foram reservados para a transcrição de incontáveis crônicas publicadas por Bilac entre 1890 e 1908. Porém, vale ressaltar que Dimas não transcreveu todo o material produzido por Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*. A totalidade da produção de Bilac para jornais está presente, no estudo de Dimas, através dos diversos índices elaborados para classificar as crônicas. Somente para termos uma dimensão da abrangência da pesquisa em questão, durante a colaboração mais prolongada na *Gazeta*, Bilac teria publicado exatos 546 textos aos domingos; deste montante, Dimas transcreveu um total aproximado de 250 crônicas. Não obstante, do número absoluto de publicações bilaquianas, Dimas classificou como referentes, de modo geral, aos movimentos de regeneração carioca 130 textos. Contudo, nem todos mereceram transcrições por parte do professor. No primeiro volume de sua tese, dedicado às reflexões acerca da vida e da obra de Bilac, Dimas justifica, baseado em caminhos subjetivos e pessoais, a opção pela transcrição de crônicas em detrimento de outras.

Também é importante lembrar outro trabalho organizado por Antônio Dimas em 1996. Anteriormente à conclusão do material que originou os cinco volumes defendidos, visando a livre-docência, Dimas coletou e organizou, sob o título de *Vossa Insolência*, 57 crônicas de Bilac publicadas em diversos jornais, entre eles: *Gazeta de Notícias*, *Correio Paulistano*, *Kosmos*, *O Estado de São Paulo* e *A Bruxa*. Entretanto, fica evidente, na leitura da seleção, que a quantidade de textos recolhidos da *Gazeta* é bem superior aos demais.

“Crônica” e paródia: uma parceria em defesa das reformas cariocas

Obstinado pela aparência e limpeza cariocas, em todas as suas faces, o poeta e jornalista Olavo Bilac fez de sua escrita a manifestação da regeneração de sua cidade. Empenhado nas reformas urbanas, o cronista, durante mais de uma década de colaboração para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, viu na abertura da Avenida Central, assim como o poder municipal e federal, a bandeira da inovação e da mudança. Corroborar a afirmação Nicolau Sevcenko:

A Avenida (...) operava como o principal índice simbólico da cidade, irradiando com suas fachadas de cristal e mármore, suas vitrines cintilantes, os modernos globos elétricos da iluminação pública, os faróis dos carros e o vestuário suntuoso dos transeuntes, mudanças profundas na estrutura da sociedade e cultura.²

O advento do cosmopolitismo no Rio de Janeiro, amplamente representado pela Avenida Central, só seria proclamado, na opinião dos intelectuais empenhados da época, sobretudo Bilac, com a convergência de diversos aspectos públicos e sociais: a profilaxia e a salubridade da cidade, as melhorias urbanas e, especialmente, a evolução moral e cívica da população. Este último aspecto só seria possível através das soluções dos primeiros. A transformação e a vitória da instalação da República, encetada pela Regeneração e pelo cosmopolitismo, como ensina Nicolau Sevcenko, se resumia na “condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante”³.

A ideologia civilizatória e, ao mesmo tempo, de viés socialmente segregador, iniciada pela municipalidade, era

sutilmente corroborada pela produção bilaquiana, que promoveu certo “*apartheid* informal”⁴ entre seus leitores.

Se Bilac escrevia *no* jornal, não era *para* todos que escrevia. A *Gazeta* era, naquela época, um dos jornais mais vendidos; de certo modo, alcançava, portanto, um público genérico de leitores. Visando, muitas vezes, adular o governo, o cronista, que era lido por muitos, não se interessava por essa vasta fileira. Bilac era burguês e, como tal, não se misturava ao povo, que também tinha acesso, apesar de restrito⁵, ao periódico. Através do jornal, o cronista se comunicava com os cidadãos minimamente civilizados. Fácil perceber o aburguesamento de Bilac ao compararmos duas de suas crônicas. Em uma delas, de março de 1903, o cronista, jocosamente, utilizou uma tradução feita por Ferdinand Denis sobre a permissão dos folguedos carnavalescos do entrudo. Nela, Bilac propunha não ser de “sociedade civilizada” tais divertimentos. Própria da cultura popular brasileira, a festa do entrudo era praticada pelos populares em época carnavalesca e consistia em lançar, uns aos outros, água, farinha ou tinta durante a folia. De cunho elitista, a opinião bilaquiana se transfigurou abruptamente, em crônica de setembro de 1905, ao tratar da Batalha das Flores, festa de elite em que a sociedade carioca desfilava em carros decorados com flores pelo centro do Rio de Janeiro:

Batalha de flores! – que singular e cativante antítese há no consórcio dessas palavras! Deus nos dê sempre dessas batalhas ridentes e perfumadas... E dê-nos, ainda, hoje, um claro dia triunfal, um dia magnífico, de sol, de céu azul, de terra enxuta, – um dia de glória e de beleza, digno da formosa festa que vamos ter!⁶

Se o tom eminentemente segregador dominava a escrita e o público de Bilac, o mesmo ocorria na sua visão da sociedade. O entusiasmo pelas reformas manifestou-se pela disposição de espírito da maioria de

suas crônicas. Entretanto, além desta visão eufórica do processo de urbanização, seu afinamento com a política do prefeito Pereira Passos, munícipe responsável pelo impulso inicial dos movimentos profiláticos cariocas, gerou também aspectos subjacentes: Bilac participou como um dos pilares de sustentação das reformas cariocas e defendeu ativamente, em seus textos, as mudanças estruturais da cidade. Sendo assim, presenciou, como espectador privilegiado, o desabrigo de mais de 20 mil pessoas em favor da abertura das grandes vias de tráfego. Somente na construção da Avenida Central, mais de 640 edificações foram demolidas⁷. Bilac, obviamente, sentia as mudanças da urbe e os danos causados à baixa população. Mas, em seus textos, o cronista imputava uma “ressemantização” de tais desajustamentos urbanos. Outro “*apartheid*” era desenvolvido; notava-se a falta de compromisso com a população humilde, que contrastava com a exaltação da modernidade.

A implantação do projeto modernizador no Rio de Janeiro, trazendo em seu bojo o aceleração da vida da sociedade carioca, marcaria, segundo a concepção bilaquiana, o fim do anacronismo representado pela velha cidade imperial. A capital federal seria o “palco” perfeito para o progresso civilizatório, e a remodelação urbana e sanitária seriam as personagens principais dessa encenação. Bilac, “maestro” dessa euforia exorbitada, trabalharia, com todos os instrumentos necessários, para estimular o leitor carioca a aderir ao seu ponto de vista. Sendo assim, o cronista dispunha de um leque imenso de recursos retóricos para construir a cenografia perfeita do ambiente carioca que vislumbra.

A paródia, normalmente uma incorporação cômica de certa composição literária, foi ferramenta eficaz para Bilac difundir seu discurso persuasivo. A escolha de dado recurso estilístico e retórico permitiria ao autor a possibilidade de expor seu comprometimento ideológico com a “Regeneração” carioca, pois “não é difícil depreender que o discurso persuasivo se dota de recursos retóricos

objetivando o fim último de convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos”⁸.

Ao recorrer às possibilidades estilísticas oferecidas pela paródia, o cronista tinha como objetivo provocar reações emocionais no receptor do seu texto, ou seja, através da recontextualização de um texto de fundo, Bilac pretendia indicar novas ideias ou valores ou, pelo menos, expandir e principalmente defender, por meio da escritura produzida pelo parodiado, seu ponto de vista.

Em texto ainda do início de sua carreira na “Crônica” dominical, o jornalista, envergonhado com a sujeira e falta de estrutura física e sanitária da cidade e o desinteresse dispensado pela municipalidade frente à visita de uma comitiva do governo chileno, publicou fantástica crônica, que nos mostra bem a força ideológica e persuasiva da paródia. Teria sido revelada a Bilac, “pela graça divina”, a “narração fiel” do primeiro livro do *Pentateuco*⁹ – no qual se descrevem a criação e os tempos primitivos do mundo –, o episódio em que a providência divina, farta da sujeira que assolava o Rio de Janeiro em período de enchentes, fez chover para lavar a capital federal:

Há quem diga que Deus só fez aquela inundação para dar ao Rio de Janeiro mais uma ocasião de honrar os seus hóspedes, – porque festa de gente do mar, oferecida a gente do mar, tinha naturalmente de ser uma festa de água. Há também quem diga que... Não! não queremos pôr em letra de forma essa versão maligna: mesmo porque, neste fim de século prático e positivo; já não pode haver quem creia em jettatores e jettaturas. Abstenhamo-nos de suposições irônicas e admitamos, como única versão aceitável, esta que o cronista recebeu da Revelação Divina:

Gênesis, Caps. VI, VII, VIII,

1 – E aconteceu que Jeová, já que farte aborrecido da porcaria da Capital Federal, chamou a si um Anjo, dos que fazem a Polícia das Esferas, e lhe disse: “Dize-me tu que horrível cheiro é este que desde a face torpe da Terra sobe ao meu Divino Olfato!”

2 – E o Anjo, tapando o seu celeste nariz, falou: Senhor! aquilo vem da decomposição das cousas e um pouco também da decomposição dos homens;

3 – Nos caminhos da Terra, Senhor, o lixo se amontoa de modo tal que a vossa mísera criatura não pode dar um passo sem tropeçar em um cachorro morto;

4 – Nas almas das míseras criaturas vossas também se amontoa e cresce o lixo da incúria, e da preguiça, e do relaxamento;

5 – Saberá, porém, vossa Divina Majestade que não é na Terra toda que impera tão grande imundície: “tão grande imundície impera apenas naquela Capital Federal...”¹⁰

Bilac recorreu ao “Gênesis” bíblico para desenvolver, através deste texto de fundo, a paródia. Na realidade, a paródia se realizou, neste caso, através da preservação da estrutura linguística do texto original. Importa salientar que, nitidamente, a proposta do cronista, em nenhum momento, foi de satirizar ou ridicularizar o texto bíblico, mas sim a situação da cidade do Rio de Janeiro. Porém, vale ressaltar que uma das características tradicionalmente dispensadas, e um tanto ultrapassadas, à paródia era somente sua intenção pejorativa e ridicularizadora. A paródia, como texto criado a partir de outro, não tem somente como objetivo principal e único copiar o original “com a intenção de zombar dele ou de o tornar caricato”¹¹, mas, sim, utilizar o texto parodiado

incorporando-o, seja pela sua estrutura linguística, seja pelo seu conteúdo, para recontextualizá-lo, e assim desenvolver uma nova escritura, que pode ou não necessitar da inclusão do ridículo ou do jocoso.

Cópia ou pastiche, muitas vezes, também são procedimentos erroneamente direcionados à paródia. Bilac, ao usar a estrutura textual da escritura bíblica, não teve como intenção copiar a passagem do livro sagrado; muito pelo contrário, o cronista utilizou um texto altamente consagrado para, a partir dele, criar um discurso, além de inédito, de persuasão eficaz, dada a relevância ideológica do texto original. Sobre a importância da relação entre paródia e texto parodiado, comenta Hutcheon que “a paródia consiste em substituir elementos dentro de uma dimensão de um dado texto de maneira que o texto resultante fique numa relação inversa ou incongruente com o texto que nele se inspira”¹².

A intenção primordial da crônica bilaquiana foi criticar uma dada situação social e política – a insalubridade carioca – através não da cópia do texto inicial, mas de uma estrutura linguística consagrada que pudesse atacar e ironizar uma circunstância. Não obstante, a paródia se diferencia essencialmente do plágio pela sua capacidade crítica e pela característica primordial de se constituir como texto único. Novamente, Linda Hutcheon é quem dá a relevância da crítica para a paródia: “Reconhecidamente como uma forma de crítica, a paródia tem a vantagem de ser simultaneamente uma recreação e uma criação, fazendo da crítica uma espécie de exploração ativa da forma”¹³. Fica clara na crônica bilaquiana esta função da paródia: ao mesmo tempo em que o cronista recriou um texto já consagrado, dando-lhe novo conteúdo, a crítica embutida na paródia desenvolveu um novo texto, deixando manifesto que a sua diferenciação é muito mais evidente do que a sua semelhança com o modelo original.

A intenção crítica presente na paródia moldada por Bilac ficou explícita, pois atuou diretamente voltada

para a municipalidade inoperante e para a sociedade despreocupada com a salubridade da capital federal.

Hutcheon afirma que há “uma distinção útil entre as paródias que se servem do texto parodiado como alvo e as que se servem dele como arma”¹⁴. Deixemos claro que não é o texto parodiado o alvo bilaquiano, mas, sim, a insalubridade e a incúria da administração pública; a sua estrutura textual serviu de instrumento para a eficácia da paródia, sendo este aspecto o que Hutcheon considera como a verdadeira paródia moderna.

Apesar de a paródia ser tradicionalmente um gênero de texto que se constitui pelo empréstimo textual, assim como a imitação ou a citação, alguns aspectos a diferenciam dos demais. Ao se parodiar um texto, há sempre presença da ironia, fundamental para seu desempenho. Apesar da crônica bilaquiana apresentar alto teor jocoso, como a utilização de termos burlescos como “Divino Olfato” ou “celeste nariz”, proferidos, na imaginação do autor, pela voz do criador, essa comichidade só está presente para amplificar a ironia crítica que o cronista pretendia destilar sobre as péssimas condições da cidade. No texto, a ironia manteve-se tanto na escolha por se parodiar um texto bíblico como na intenção do autor em colocar os homens como seres ainda em formação (visto que a paródia foi desenvolvida mantendo os versículos bíblicos e a linguagem do “Gênesis”), pouco habituados com disciplina, limpeza e organização. A ironia, na crônica, desempenhou um papel ao mesmo tempo escarnecedor, já que conduziu os elementos ridículos propostos nele, e avaliador¹⁵, já que foi por meio dela que veio à luz a inoperância pública que Bilac tanto criticava.

Coincidentemente ou não, em crônica de junho de 1905, ou seja, distante oito anos do texto anteriormente comentado, o jornalista novamente fez uso da paródia. Em verdade, este recurso estilístico foi comum na carreira jornalística de Bilac. Contudo, o excerto a

seguir traz características ora muito semelhantes ora distintas da crônica publicada em 1897:

Crônica... de quê? Crônica de poeira! Nada mais há, nada mais existe, nada mais é, – no restrito e rigoroso sentido do *haver*, do *existir*, e do *ser*!

Poeira, poeira, poeira... Se aparecesse um Moisés, capaz de escrever o *Gênesis*, o *Beresith* da nova Rio de Janeiro, – esse historiador-profeta começaria deste modo o primeiro livro do seu *Pentateuco*: “1 – No princípio, Lauro e Passos criaram a poeira; 2 – e antes disso, a terra era vazia e vã, e vão e vazio era o céu; 3 – e, então, nada mais houve além de poeira; 4 – e os dous espíritos de Lauro e Passos andavam sobre as nuvens da poeira; 5. – e da poeira saiu a cidade radiante, a cidade cuja beleza é o maior louvor e a honra maior dos filhos de Mem de Sá¹⁶.

Era o momento do auge das reformas urbanas arquitetadas pelo prefeito Pereira Passos. As demolições, que se concentraram fortemente na Cidade Velha, levantavam nuvens de poeira que cobriam o centro da cidade, ambiente frequentado por Bilac.

Novamente vemos a paródia bíblica servindo como instrumento de persuasão do cronista. Para tentar provar aos seus leitores a grandiosidade das reformas urbanas e a necessidade de o povo tolerar o desconforto gerado pela poeira das demolições, o cronista usou dos mesmos recursos retóricos já manuseados anos atrás.

Primeiramente, ao valer-se da estrutura linguística do primeiro livro do *Pentateuco* novamente, Bilac aproveitou da força ideológica da fala religiosa para induzir a leitura de seu público. Por outro lado, ao parodiar exatamente a passagem bíblica que retrata a formação da Terra e do Homem, o parnasiano sutilmente propôs ao

leitor que as reformas urbanas e sanitárias da Capital Federal, muito mais do que embelezar e modernizar a cidade, seriam o início de uma nova era para o Rio de Janeiro, seria o renascimento, ou melhor, o verdadeiro nascimento da grande cidade. Então era preciso resistir à poeira, pois dela sairia a “cidade radiante” que Bilac tanto idealizava.

Mais uma vez observamos que o alvo a ser atingido por Bilac não era a citação bíblica, pois em momento algum o texto parodiado foi rebaixado ou satirizado. Na verdade, o cronista ridicularizou uma situação, o caos urbano, através da escritura da paródia. O tom jocoso, mesmo não obrigatoriamente reportado à paródia, esteve presente no texto bilaciano quando o cronista comenta: “Oh! a poeira! – a poeira continua, perpétua, implacável, inexorável, feroz, ubíqua, oníqua, onímoda, onipotente!”¹⁷

Há certa comicidade em sua fala, pois, ao lançar mão de vocábulos tão densos, com certa cadência na repetição dos sons, Bilac, de certa maneira, ampliou o valor da poeira, como se fosse ela a personificação do progresso. Esse humor leve, nem um pouco depreciativo, diferentemente da crônica antes comentada, não tinha como limite a crítica à inoperância do governo, mas sim ridicularizar, ou mesmo suavizar, para a população saturada pela sujeira, o turbulento processo urbano pelo qual passava o Rio de Janeiro.

Novamente, em janeiro de 1903, Bilac utilizou um texto consagrado para divulgar sua euforia reformista. Com a posse do prefeito municipal naquele mesmo ano, novo fôlego tomou o cronista. Na cega esperança de ver realizadas todas as benfeitorias urbanas propostas pela municipalidade, acreditou em falso telegrama publicado no *Jornal do Comércio*, que afirmava:

Uma avenida de 120 metros de largura começando no Pão de Açúcar e terminando na Copacabana! uma avenida do Parque da

República à Tijuca! outras avenidas, largas e belas, cortando e arejando toda a cidade! novos parques, novas esplanadas, mais praças! o replantio das matas, o abastecimento de água, o recuo obrigatório dos prédios, a incineração dos lixos, o aperfeiçoamento da higiene domiciliar, a criação da guarda municipal, o equilíbrio orçamentário, quanta cousa!¹⁸

Para Bilac, que desde o início da carreira como cronista da *Gazeta de Notícias* questionava e defendia a necessidade urgente de se urbanizar e sanear o Rio de Janeiro, essa publicação foi a oportunidade para fazer propaganda de sua ideologia reformista, além de extravasar suas idealizações e desejos. Observemos ainda a crônica de janeiro de 1903:

A cidade, maravilhada e tonta, perdeu a cor e a voz: e, com as mãos na cabeça, começou a andar à roda de si mesma, sem poder acreditar no que via, mas com a secreta e ardente esperança de que tudo aquilo fosse a expressão da verdade.¹⁹

Entretanto, na mesma crônica, ao notar a não veracidade dos fatos divulgados, o cronista lançou mão do herói cervantino D. Quixote:

Ai de nós! A vida é uma série de desilusões! Logo no dia seguinte, verificava-se que o deslumbrante programa era uma blague, uma mistificação, um parto monstruoso da imaginação esquentada de um repórter; o novo Prefeito veio negar ao enganador documento toda a autoridade; e o próprio *Jornal do Comércio*, que pagara a peso de ouro as 283 palavras do telegrama, punha sobre a falsa plataforma o peso fulminador deste adjetivo implacável: quixotesca!²⁰

Comparando, de forma sutil, a grandiosidade da criação de Cervantes, de origem europeia, com a defesa de nossas reformas, Bilac pediu a proteção do herói espanhol para o novo prefeito, prestes a encarar sua luta:

D. Quixote é o ideal incontentado, é a febre, a ânsia, o desespero da Perfeição.

(...)

Que o ilustre Prefeito de Distrito Federal não se zangue com o que vai ler:

Se S. Ex. quer achar um modelo na epopeia de Cervantes, não hesite, – seja D. Quixote, e não queira ser Sancho Pança!

Sancho Pança é apenas o Bom Senso. E se o Bom senso sempre houvesse governado o mundo, a humanidade ainda estaria hoje tão adiantada como no tempo dos merovíngios. O Bom Senso é a prudência, a cautela, a paciência; mas é também a casmurrice, o amor do preconceito, ódio de progresso.

(...)

D. Quixote é o ideal.²¹

Ao citar Dom Quixote, herói de prestígio e marco da literatura espanhola do século XVII, Bilac nos sugeriu duas funções em sua crônica. Ao mesmo tempo em que lamentava as falsas notícias do telegrama, Bilac valeu-se da grandiosidade, da sofisticação e, principalmente, do reconhecimento literário mundial da obra de Cervantes para, através dela, consolidar seus pressupostos persuasivos. Nada mais contundente do que uma grande obra para sustentar a tese de defesa das melhorias urbanas cariocas. A intertextualidade promovida por Bilac proporcionou maior respeitabilidade ao seu texto, servindo-lhe como sustentáculo e confirmação

de sua tomada de posição. Em segundo plano, ao empregar o mito do herói do idealismo, ou do “ideal incontentado”, o autor sugeriu e, consequentemente, defendeu que o novo prefeito realmente deveria se espelhar no “Cavaleiro da triste figura” – personagem ousado, inventivo, tenaz, reformador –, e não em Sancho – retrato do bom-senso, ou melhor, da prudência e do ódio ao progresso, na sua cruzada pela modernização do Rio de Janeiro. Nas palavras de Bilac: “D. Quixote foi o Barão de Haussman que reformou Paris; D. Quixote foi o Marquês de Pombal que das cinzas de uma Lisboa medonha arrancou uma Lisboa airosa; D. Quixote foi o grande Alvear que criou Buenos Aires!”²².

Foram estes os modelos incensados pelo cronista e sempre citados quando precisava uma vez mais estimular seu público na urgência das reformas.

Diferentemente dos textos anteriormente comentados, nesta crônica não há a presença de paródia. Muito pelo contrário. Em nenhum momento propôs Bilac utilizar de alguma estrutura linguística consagrada da obra cervantina para desenvolver uma nova escritura. O que percebemos foi o que comumente se confunde com paródia. O cronista lançou mão da alusão a um texto ou mesmo conteúdo reconhecido pela opinião pública para, a partir deste, estruturar com respaldo literário seu texto.

Assim como a paródia, a alusão também é um empréstimo textual, porém, o que as diferencia é a intenção crítica da paródia. Notamos que Bilac realmente recorre às características da obra máxima de Miguel de Cervantes para propor seu ideal modernizante, mas em nenhuma passagem da crônica o jornalista parodiou a obra ou seus recursos retóricos. Bilac apenas aludiu, e de certo modo também fez pilhéria, ao espírito idealizador do grande personagem para influenciar seus leitores. Não obstante, realidade e fantasia, humor, doutrina e civilidade se entremeavam no vasto texto

bilaquiano em prol da conquista de uma identidade moderna para a cidade.

Apesar de estar sempre atento aos assuntos que diziam respeito ao progresso de sua urbe querida, de atitude sempre combativa e pronto a defender o governo que impunha como meta a reforma urbana e sanitária carioca, de sua produção dominical aflorou uma gama incontável de assuntos, opiniões e procedimentos estilísticos. Mesmo tendo sido o Rio de Janeiro e sua insalubridade os personagens principais de sua produção semanal na *Gazeta de Notícias*, Bilac não era eficaz em matéria de homogeneidade. O biógrafo Affonso de Carvalho cria uma imagem interessante para justificar a sua prosa multitemática:

(...) o cronista atento a todos os interesses da cidade e do país, das artes e das letras, da sociedade e das classes, aqui e além fixando as pontas de fino e sedoso aranhão, e em cuja teia a pena do cronista, como aranha de múltiplos coloridos, fará primores de forma, variando, dia a dia, de desenho.²³

A crônica servia-lhe como um palco privilegiado, de onde poderia desferir suas farpas, gozações, apelos e comentários dos mais díspares assuntos palpitantes que rondavam, essencialmente, o centro carioca. Abusando do exercício metalinguístico, Bilac, em junho de 1903, explicitava, continuamente, a dificuldade de servir ao público “coisas novas”:

Os noticiaristas registram; os cronistas comentam. O noticiarista retira da mina a ganga de quartzo, em que o ouro dorme, sem brilho e sem préstimo; o cronista separa o metal precioso da matéria bruta que o abriga, e faz esplendor ao sol a pepita rutilante. Naquela notícia e naquela razão há um lindo pedaço de ouro, que convém aproveitar...²⁴

Abundante em metáforas, a crônica acima retratou o trabalho diário de cronista. Ao usar metalinguagem sobre o fazer jornalístico, recurso prosaico em sua escrita, Bilac conseguiu trazer os leitores para perto de si e de suas opiniões. Meio este, assim, fértil para envolver e promover seus ideais.

Com a breve apreciação apresentada, ousa afirmar que realmente a paródia, além de sua capacidade de evidente irrisão, também funcionou como um eficaz mecanismo de manipulação da opinião pública carioca por meio das mãos hábeis do cronista Bilac. Ao lançar mão do refinado recurso retórico, Olavo Bilac, muito mais do que simplesmente trabalhar com a intenção pejorativa e ridicularizadora que a paródia se permite, também conseguiu, sobretudo, propor uma visão crítica e bem irônica através de textos criados a partir de outros por vezes consagrados.

Referências bibliográficas

ARINOS, Afonso. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.

BILAC, Olavo. "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1º de março de 1903, p. 1.

_____. "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1905, p. 5.

_____. "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 16 de maio de 1897, p. 1.

_____. "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de junho de 1905, p. 1.

_____. "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1903, p. 1.

_____. "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1903, p. 1.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975 (Documentos Brasileiros, v 108).

CARVALHO, Affonso de. *Bilac: o homem, o poeta, o patriota*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

CITELI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1985.

DIMAS, Antonio (org.). "Introdução". In: BILAC, Olavo. *Vossa Insolência: Crônicas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996. pp. 9-19.

_____. *Bilac, o jornalista*. Tese de Livre-Docência. São Paulo: FFLCH da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *Bilac, o jornalista*. São Paulo: EDUSP, 2006. 3 vol.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v. 3.

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SIMÕES JR., Alvaro S. "A sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904". Assis, 2001. Tese (Doutorado em Letras). FCL, UNESP.

Notas

- 1 Área de Literatura e Vida Social.
- 2 Nicolau Sevcenko, *História da vida privada no Brasil*, p. 545.
- 3 *Idem*, *Literatura como missão*, p. 43.
- 4 Alvaro Simões Junior, "A sátira do Parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904", p. 293.
- 5 As últimas décadas do século XIX são sintomáticas. Com o gradual desenvolvimento das cidades brasileiras e o crescimento da população urbana, sobretudo, do Rio de Janeiro – a sede da corte e, posteriormente, Capital Federal da República –, além da sensível ampliação do público leitor (que apesar de ter se expandido ainda era ínfimo se pensarmos que o recenseamento acusou que, em 1872, apenas 1,72% da população carioca era alfabetizada), tem-se a consolidação e a incipiente modernização dos grandes periódicos que movimentaram a corte e, num breve futuro, ajudariam a divulgar o movimento para a Proclamação da República. Entretanto, no que tange o desenvolvimento da literatura brasileira, a importância do periodismo se detém também na parceria indispensável surgida entre os literatos e as folhas existentes no Rio de Janeiro da época.
- 6 Olavo Bilac, "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*, 1905, p. 5.
- 7 O processo de reurbanização trouxe fórmulas de discriminação e segregação social representadas basicamente pelas desapropriações urbanas para a construção das grandes avenidas. Cf. Afonso Arinos. *Rodrigues Alves: apogeu e declínio do presidencialismo*; Jaime Larry Benchimol. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*; Sidney Chalhoub, *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*.
- 8 Adilson Citeli, *Linguagem e persuasão*, p. 32.
- 9 O *Pentateuco* se refere aos cinco primeiros livros do Velho Testamento, atribuídos a Moisés: o "Gênesis", o "Êxodo", o "Levítico", o "Números" e o "Deuteronômio".
- 10 Olavo Bilac, "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*, 1897, p. 1.
- 11 Linda Hutcheon, *Uma teoria da paródia*. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX, p. 48.

- 12 *Ibidem*, p. 48.
- 13 *Ibidem*, p. 71.
- 14 *Ibidem*, p. 71.
- 15 *Ibidem*, p. 47.
- 16 Olavo Bilac, "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*, 1905, p. 1.
- 17 *Ibidem*, p. 1.
- 18 Olavo Bilac, "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*, 1903, p. 1.
- 19 *Ibidem*, p. 1.
- 20 *Ibidem*, p. 1.
- 21 *Ibidem*, p. 1.
- 22 *Ibidem*, p. 1.
- 23 Affonso de Carvalho, *Bilac: o homem, o poeta, o patriota*, p. 76.
- 24 Olavo Bilac, "Crônica". In: *Gazeta de Notícias*, 1903, p. 1.